



Novos tratamentos para artrite reumatóide



Estudo foi desenvolvido no Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra

●●● Uma investigação desenvolvida no Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC) e na Faculdade de Medicina de Coimbra “abre portas para novos tratamentos para a artrite reumatóide”, anunciou ontem a Universidade de Coimbra (UC).

Uma equipa de investigadores do CNC e da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC) descobriu que “as células do sistema imunitário T CD8”, produzidas pelo Timo (“órgão linfóide situado junto ao coração”) para defender o organismo de infeções, “estão alteradas na artrite reumatóide”, afirma a UC, em nota de imprensa.

Essas células são “responsáveis pela manutenção da doença, quer ao nível sanguíneo quer ao nível das articulações”. Nesta doença crónica, as T CD8 “perdem a tolerância imunológica e destroem as células erradas, ou seja, matam as células boas da articulação”, revela a investigação.

O estudo foi realizado primeiro em modelos animais e posteriormente em humanos, designadamente em “96 doentes com artrite reumatóide, seguidos no Serviço de Reumatologia do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC)”, sob direção do catedrático da FMUC José António Pereira da Silva.

A equipa de investigado-



Investigação da Universidade de Coimbra foi realizada numa primeira fase em modelos animais e depois em humanos

- 1 96 doentes com artrite reumatóide são seguidos pelo serviço de reumatologia do CHUC
- 2 Resultados abrem portas para o desenvolvimento de novos tratamentos
- 3 Doença provoca a destruição das articulações e invalidez progressiva

res verificou ainda, nas experiências com modelos ratinhos, que, retirando as T CD8 do sistema, os animais “apresentavam melhorias muito significativas”.

Estes resultados “abrem portas para o desenvolvimento de novos alvos

terapêuticos com o foco nestas células que estão a matar as células erradas, porque perderam a capacidade de distinguir o que é estranho daquilo que faz parte do organismo”, sustenta Helena Carvalheiro, primeira autora do artigo científico feito a este propósito e já publicado no *Arthritis&Rheumatology*, “jornal internacional de referência da área”.

A artrite reumatóide provoca a “destruição das articulações e invalidez progressiva” e a procura de novas respostas clínicas “continua a ser um objetivo nuclear, apesar dos notáveis progressos registados já na última década”, sublinha o especialista da FMUC José António Pereira da Silva.

Financiada pela ação Marie-Curie (bolsas atribuídas pela União Europeia) e por um laboratório de indústria farmacêutica, a pesquisa vai agora focar-se em “seleccionar as vias moleculares intracelulares das T CD8, que podem ser modificadas geneticamente” com fins terapêuticos.

“Vamos avaliar como funcionam os sinais dentro destas células, através da análise genética, identificar os que estão alterados e proceder à sua reparação para que todas as peças da máquina voltem a funcionar em favor do doente”, explicita Helena Carvalheiro.